

Famílias se unem para torrar café

Região Serrana possui dez torrefadoras de café, pequenas indústrias montadas por agricultores familiares que já vendem 12 toneladas por mês

Instituto Junco dos Santos Neves
Biblioteca

AJ00278

AJ00277

Roberly Pereira

Dez torrefações de pequeno porte, localizadas nos municípios da Região Centro Serrana do Estado, instaladas em propriedades rurais que produzem café arábica, já se consolidaram como vertentes de alta importância econômica. Isso para as famílias agricultoras locais, que produzem cafés especiais e convencionais. Hoje, essas famílias vendem 12 toneladas mensais de café arábica, que acabam ficando no mercado capixaba.

Investimentos a partir de R\$ 5 mil possibilitaram a implantação das microindústrias mecanizadas. A industrialização do café é um processo crescente e o consumo do produto em alta escala no Estado anima o agricultor. A atividade ganhou expressão e robustez em 1999, em virtude do lançamento do Programa Cafés das Montanhas do Espírito Santo, em Venda Nova do Imigrante.

Abertura

O projeto que concedeu ao cafeicultor capixaba o status de produtor de cafés especiais, permitiu a abertura do mercado para países asiáti-



Fotos de Roberly Pereira

SUCESSO

Alessandro e Sávio Altoé Sossai contam que o número de clientes aumentou depois que o café se destacou em um concurso de qualidade. Eles investiram em uma máquina e beneficiam 300 quilos por mês. Na venda ao consumidor, cada quilo custa R\$ 5,00

cos e europeus. "O rótulo da produção de cafés de baixa qualidade é tido hoje como uma página virada e a torrefação caseira de café se incluem na cafeicultura capixaba como fatores muito importantes de agregação de valor ao produto".

A declaração é do técnico em cafeicultura e secretário de Agricultura de Venda Nova, Evair de Melo, lembrando que após do lançamento do Programa Cafés das Montanhas - uma parceria entre as prefeituras, agricultores e Instituto Capixaba de Assistência Técnica, Pesquisa e Extensão Rural (Incaper) - surgiram perfis econômicos paralelos.

Exigência

Entre eles, Melo destacou as torrefações instaladas em virtude da exigência do consumidor capixaba, que conheceu através da mídia dos concursos de qualidade.

"Os turistas, principalmente que visitam a Região Serrana, questionavam sobre o acesso ao sabor dos cafés nobres, que levaram os capixabas a competir em concursos de qualidade, promovidos por empresas japonesas, italianas, capixabas e pelo Ministério da Agricultura. Os agricultores estão animados porque comercializam o produto in natura para fora e também pensam em exportação do café torrado".

Costume

Consumidor local consome pouco

O engenheiro agrônomo do Centro Regional de Desenvolvimento Rural da Região Serrana, do Incaper, Aymbiré Fonseca, um dos idealizadores do Programa Cafés das Montanhas disse que o consumidor brasileiro também está exigindo qualidade no produto, embora consuma menos que os europeus, asiáticos e americanos. "A média do consumo nacional é de 4,5 quilos por ano, enquanto nos países nórdicos a média é de 11,5 quilos por pessoa/ano".



FORÇA CAPIXABA

Para o agricultor César Krohling, de Santa Maria do Araguaia, o consumidor capixaba foi o grande parceiro e colaborou com o crescimento das torrefações instaladas nas propriedades da região de montanhas



ORGULHO

Íria e Carmem Busatto mostram com orgulho o café que produzem. Mãe e filha estão sempre preocupadas com a qualidade. 'Produzimos 300 quilos mensais e não vamos ampliar. A qualidade não pode cair'

BOAS VENDAS E QUALIDADE

O agricultor e presidente da Associação do Agroturismo de Venda Nova, Domingos Sávio Sossai Altoé, informou que a sua família se tornou tradicional na produção de cafés especiais.

"Ficamos bem colocados num concurso e ganhamos um diploma. Uma reportagem em A GAZETA destacou o nome da nossa família. Como somos incluídos no agroturismo local, o número de visitantes da propriedade aumentou. Investimos R\$ 5 mil para comprar uma máquina para torrar. Hoje, não damos conta da demanda. Hoje, vendemos mais de 300 quilos mensais somente na loja, por R\$ 5,00 o quilo".

O agricultor Antônio Carnielli informou que torra 100 sacas de café arábica por mês. O total é equivalente a 4,8 mil quilos de café torrado e agrega 20% no valor da venda do produto in natura. "É um excelente negócio. A torrefação é parte do sistema econômico da família".

Dona Íria Busato e a filha Bernadete Busatto trabalham diariamente na propriedade da família onde além de produzir queijos e iogurtes, se preocupam também com o trabalho numa pequena torrefação de café. "Torramos o café especial e vendemos por R\$ 7,50 e o convencional não passa de R\$ 5,00. Produzimos 300 quilos mensais e não vamos ampliar. A qualidade não pode cair".

Para o agricultor César Krohling, de Santa Maria do Araguaia, o Programa Cafés das Montanhas do Espírito Santo foi a grande vitrine para o surgimento da torrefações, nascidas do incentivo dos concursos de qualidade. "O consumidor capixaba foi o nosso grande parceiro. Há uma diferença de 20% a mais na venda do produto industrializado".

Na localidade Vista Alegre, em Iuna, mais de uma tonelada de café é torrado na propriedade da família Gomes. "Temos capacidade para industrializar até seis toneladas, mas como temos somente cinco meses de experiência, vamos devagar para não deixar de lado a qualidade. O consumidor capixaba está nos prestigiando, mas estamos abrindo mercado no Rio e em Belo Horizonte".

CONCESSÃO DE CRÉDITO SOBE

As operações de crédito para agricultura familiar apresentaram um salto em 2004, de acordo com os dados do Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo (Bandes). Somente nos primeiros quatro meses deste ano, foram 408 operações contra 59 no mesmo período do ano passado. Este ano, já foram concedidos R\$ 7 milhões em empréstimos. Em todo o ano de 2003, foram R\$ 6,4 milhões.

Desde 1997, ano em que a linha de crédito foi criada, foram concedidos R\$ 41 milhões em 3,5 mil operações de empréstimo a pequenos produtores. Desse total, 85% foram destinadas ao cultivo de café. A linha de crédito tem atingido, também, um número cada vez maior de municípios. Em 2001, apenas 18 municípios foram atendidos. Até o começo deste mês, já foram 44.

Os municípios da região do Caparaó (Iúna, Ibatiba, Irupi, Ibitirama e Muniz Freire), além de São Roque, Marilândia e Vila Pavão, são os que concentram maior parte das operações. Para este ano, O Bandes tem R\$ 20 milhões disponíveis para financiamentos. A meta é chegar ao final de 2004 com 1,2 mil atendimentos.

A linha de crédito integra o Programa Nacional de Agricultura Familiar e atende, principalmente, os produtores do grupo D (renda anual até R\$ 40 mil e propriedade com até quatro módulos fiscais). As taxas de juros são de 4% ao ano e o limite de financiamento é de R\$ 18 mil. Qualquer bem ou serviço diretamente ligado à atividade produtiva pode ser financiado.

De acordo com o diretor de Operações do Bandes, José Antônio Bof Buffon o objetivo dessa linha de crédito é manter o homem no campo, oferecendo rentabilidade e qualidade de vida para o produtor. "O banco financia investe na família e na propriedade, não no produto", avalia. A intenção, agora, é abrir outras vertentes para investimento, como o cultivo de banana, no sul do Estado.